



*Leandro Gomes de Barros*

---

A SECCA  
do Ceará

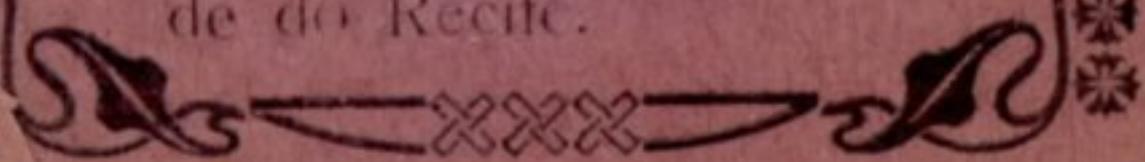


Panelas que  
nuitos mexem

(Os Guizados da Politica)



A' venda na casa do auctor  
e editor em Areias. — Arrabal-  
de do Recife.



## A Secca do Ceará

Secca a terra as folhas caem,  
Morre o gado sai o povo,  
O vento varre a campina,  
Rebenta a secca de novo;  
Cinco, seis mil emigrantes  
Flagellados, retirantes  
Vagam mendigando o pão,  
Acabam-se os animaes  
Ficando limpo os curraes  
Onde houve a criação.

Não se ver uma folha verde  
Em todo aquelle sertão  
Não ha um só ente d'aquelles  
Que mostre satisfação  
Os touros que nas fazendas  
Entravam em luctas tremendas,  
Hoje nem vam mais ao campo  
E' um sitio de amarguras  
Nem mais nas noites escuras  
Lampeja um só pirilampo.

Aquelles bandos de rolas  
 Que arrulavam tão saudosas  
 Hoje geme algumas vezes  
 Mal satisfeitas, queichoças,  
 Aquelles lindos tétéos  
 Com penas da cor dos céos.  
 Aonde algum hoje estiver,  
 Está triste mudo e sombrio  
 Não passeia mais no rio,  
 Não solta um canto siquer.

Tudo alli surdo aos gemidos  
 Viza o espectro da morte  
 Como o nauta em mar estranho  
 Sem a direcção do Norte  
 Procura a vida e não ver  
 Apenas houve gemer  
 O filho ultimando a vida  
 Vai com seu pranto o banhar  
 Quando a espoza lhe dar  
 Um ayleus por despedida.

Foi a fome negra e crua  
 Nodaa preta da historia  
 Que trouxe-lhe o ultimatum  
 De uma vida provizoria  
 Foi o decreto terrivel

Que a grande penna invizivel  
 Com energia e sciencia  
 Autorizou que a fome  
 Mandasse riscar meu nome  
 Do livro da existencia:

E a fome obdecendo  
 A sentença foi cumprida  
 Descarregandolhe o gladio  
 Tirou-lhe de um golpe a vida  
 Não olhou o seu estado  
 Deixando desanmparado  
 Ao pé de si um filhinho,  
 Dizendo já existisses  
 Porque da terra sabisses  
 Volta no mesmo caminho.

Ver-se uma mãe cadaverica  
 Que já não pode fallar,  
 Estreitando o filho ao peito  
 Sem o poder consolar  
 Lança-lhe um olhar materno  
 Soluça, implora ao eterno  
 Invoca da Virgem o nome  
 Ella debil triste e louca  
 Apenas beija-lhe a bocca  
 E ambos morrem de fome.

Ver-se moças ellegantes  
 Travessarem pelas ruas  
 Umas com roupas em tira  
 Outros até quasi nuas,  
 Passam tristes e envergonhadas  
 Da cruel fome, obrigadas  
 Em procura de soccorros  
 Nas portas dos potentados,  
 Chorando pedem aos criados  
 O que sobrou dos cachorros.

Aquelles campos que eram  
 Por flores alcatifados,  
 Hoje parecem sepulchros  
 Pelos dias de finados.  
 Os vales d'aquelles rios  
 Aquelles vastos sombrios  
 De frondozas trepadeiras,  
 Hoje traz recordação  
 Da cratêre de um vulcão  
 Ou onde haviam fogueiras

[ O gado urra com fome,  
 Bérra o bizerro enjeitado,  
 Tomba o carneiro por terra  
 Pela fome fulminado.  
 O bode procura em vão

Só acha pedras no chão  
 Põe-se depois a berrar,  
 A cabra em lastima completa  
 O cabrito inda penetra  
 Ver se acha o que mamar.

[ Grandes cavallos de sellas  
 De muito grande valor  
 Quando passa na fazenda  
 Provoca pena ao senhor  
 Como é differente agora  
 Aquelle animal que outr'ora  
 Causava admiração,  
 Era russo hoje está preto  
 Parecendo um esqueleto  
 Carcomido pelo chão.

Hoje nem os passaros cantam  
 Nas horas do arrebol,  
 O jurity não suspira  
 Depois que se põe o sol  
 Tudo alli hoje é tristeza  
 A propria cobra se peza  
 De tantos que alli padecem,  
 Os camaradas antigos  
 Passam pelos seus amigos  
 Finjem que não os conhecem.

Santo Deus! Quantas miserias  
 Contaminam nossa terra!  
 No Brazil ataca a secca  
 Na Europa assola a guerra  
 A Europa ainda diz  
 O governo do paiz  
 Trabalha para o nosso bem  
 O nosso em vez de nos dar,  
 Manda logo nos tomar  
 O pouco que ainda se tem.

Ver-se nove, dez, num grupo  
 Fazendo supplicas ao eterno  
 Crianças pedindo a Deus  
 Senhor! Mandai-nos inverno,  
 Vem, oh! grande natureza  
 Examinar a fraqueza  
 Da fragil humanidade  
 A natureza a sorri  
 Vel-a sem vida cair  
 Responde: o tempo é de balde

Mas tudo alli é de balde  
 O inverno é soberano  
 O tempo passa sorrindo  
 Por sobre o cadaver humano  
 Nem uma nuvem aparece

Alteia o dia o sol cresce  
 Deixando a terra abrazada  
 E tudo á fome morrendo  
 Amargos prantos descendo  
 Como uma grande enxorrada.

Os habitantes procuram  
 O governo federal  
 Implorando que os socorra  
 Naquelle terrivel mal  
 A creança estira a mão  
 Diz senhor tem compaixão  
 E elle nem dar-lhe ouvido  
 E' tanto a sua fraqueza  
 Que morrendo de surpresa  
 Não pode dar um gemido.

Alguem no Rio Janeiro  
 Deu dinheiro e remetteu  
 Porem não sei o que houve  
 Que ca não appareceu  
 O dinheiro é tão sabido  
 Que quiz ficar escondido  
 Nos cofres dos potentados  
 Ignora-se esse meio  
 Eu penso que elle achou feio  
 Os bolços dos flagellados.

O governo federal  
 Querendo remia o Norte  
 Porem cresceu o imposto  
 Foi mesmo que dar-lhe a morte  
 Um mette o facão e rola-o  
 O Estado aqui esfolá-o  
 Vai tudo dessa maneira  
 O municipio acha os troços  
 Ajunta o resto dos ossos  
 Manda vendel-os na feira



### Panellas que muitos mexem

Não ha quem possa intender  
 Esta politica actual  
 Tudo se queixa a um só tempo  
 Tudo maldiz-se em geral  
 Vem quebrar-se o pau nas costas  
 Do governo federal.

Porque ve-se uma bancada  
 Um, dois, tres, querem d'um geito  
 Quatro, cinco, seis e sete,  
 Acham naquillo um defeito  
 Oito, nove, dez e onze,  
 Acham que não está direito.

Um diz: eu quero é assim,  
 Diz outro: eu quero é assado,  
 Diz outro: eu quero é cosido,  
 Diz outro: eu quero é guisado,  
 Outro diz: eu quero é crù,  
 Diz outro: eu quero é queimado...

O Brasil hoje que está  
 Figurando uma panella  
 A politica, cosinheira  
 Está tocando fogo nella  
 Mas tem mil mortos a fome  
 Por alli a redor della.

Aquelle que tem mais força  
 Chega com o quengo maior  
 Aquelle fraco e mirrado  
 Traz um quenguinho menor  
 Vem tarde se mette o quengo  
 Toca-lhe o caldo peor.

Diz o que tem quengo grande  
 Você não pode tirar  
 A panella me pertence  
 Só eu posso desstructar  
 Diz o quengo pequenino  
 Voce tem com que passar...

Sua barriga está cheia,  
 Eu vou tirar minha parte  
 Sou brasileiro é preciso  
 Que coma bem e me farte,  
 Se me faltar a justiça  
 Eu salto no bacamarte.

Diz outro eu quero a panella  
 E' para o lado de cá...  
 Outro lhe diz não senhor  
 Se está ahí deixe está  
 Diz outro eu quero é allí  
 Diz outro eu quero aculá.

Um vem puxa pelo beicho  
 E outro pela barriga  
 Outro agarra pelo fundo  
 E nisso vai uma intriga  
 E' como cachorros juntos  
 Vem terminar n'uma briga.

Em quanto fulano briga  
 Diz cicrano eu me aproveito  
 Pedro corre atraz de Sancho  
 Paulo cá procura o geito  
 Vai ao cofre da nação  
 Lá fica o buraco feito.

Diz Paulo quem fez foi Sancho  
 Mas Sancho diz que não fez ;  
 O thesouro federal  
 Ficou roubado de vez  
 Ahí não pode haver crime  
 Porque foi dado entre trez.

Dizia o velho rifão  
 Que esse negocio de trez  
 Foi uma sociedade  
 Que um dia o diabo fez  
 Tanto que o proprio diabo  
 Sahiu logrado de vez.

Era o diabo e a sogra  
 E a mãe de um nova ceita  
 Compraram um pote de leite  
 Depois da compra estar feita  
 O diabo conheceu  
 Que perdia na receita.

Botaram o leite a qualhar  
 Vinha o diabo e mexia  
 Depois vinha a sogra delle  
 E o pote descobria  
 Vinha a mãe do nova ceita  
 Atraz de tudo e bebia.

Quando o diabo foi ver  
 Se o leite estava qualhado  
 Nem mesmo o fundo do pote  
 De leite estava molhado  
 Disse o diabo dos tres  
 Eu fui que fiquei logrado.

Foi mesmo como a politica  
 Desse governo actual;  
 O Brazil é a panella,  
 O Estado bota sal,  
 O Município tempera,  
 Quem come é o federal.

E de le o principio anda  
 Uma historia espalhada  
 Pouca herança e muito herdeiro  
 Um herda muito outro nada  
 Panella que muitos mexem  
 Ou sae ensôça ou salgada

E o Brazil é panella  
 Que ainda ninguem graduou-a  
 Affonso Penna mecheu-a  
 Nilo Peçanha salgou-a  
 Hermes agora botou agua  
 Dessa vez sim! desgraçou-a.

E ninguem pode entender  
 O juizo que se faz  
 Um diz: ella estava ensôça  
 Nilo botou sal de mais  
 Hermes botou agua e diz  
 O erro já vem de atraz.

Quem se encommodar se mude,  
 Quem não gostar coma menos,  
 O mais que faço é dizer  
 Faça os bocados pequenos  
 Vá plantar feijão macaça  
 Que dá em todos terrenos.

Eu não tenho o que fazer  
 E não afroxo a panella  
 Vem um bota sal de mais  
 Outro destempera ella  
 Outro bota sal de novo  
 Querendo se apossar della.

Correm 10 e 12 atraz  
De uma sò candidatura  
A cadeira é uma só  
E elles essa fartura  
Durmir com um barulho deste  
Nem mesmoo diabo atura.

O Brazil um burro velho  
Que já está de lingua branca  
Tanto peso em cima delle  
Esse desgraçado estanca  
O rio montou-se no meio  
S. Paulo saltou na anca.

O Rio de Janeiro diz  
Eu sou o domno do burro  
O Rio Grande do Sul  
Diz não o dou nem a murro  
Embora que nossa terra  
Fique fedendo a esturro.

E todos querem montar  
Não sei quem fica montado  
A casaca diz eu monto  
Fique quem quizer massado  
A opposição de fora  
Diz, ha! pinheiro Machado!...

Diz ahi Minas Geraes  
Assim eu monto tambem  
E se eu não montar neile  
Tambem não monta ninguem  
O Rio Grande do Sul  
Bota as esporas lá vem!

O burro magro das luctas  
Pela a idade caduco  
Com 4 Estados em cima  
Lá vem tambem Pernambuco  
Ouve Maceió dizer  
Eu sou que não sou maluco

Manaos, Pará, Maranhão,  
Ceará e Matto Grosso  
Uns saltam-lhe nas or lhas  
Outros montam no pescoço  
Outros entram pelas ventas  
Chupam-lhe osso por osso.

O Acre diz eu tambem  
Tenho razão de fallar  
Dou muito capim ao burro  
Tenho direito a montar  
Toda borracha daqui  
Vai para o burro estragar

O que ha em minhas zonas  
 Vai para o Rio de Janeiro  
 O Estado federal  
 Não gosta de seringueiro  
 Daqui para lá vai ouro  
 De lá só vem desordeiro.

Marinheiros revoltosos  
 Individuos deportados  
 Batedores de carteiras  
 Sujeitos mal comportados  
 Jogadores e assassinos  
 Entes mal recommendados.

O Ceará coitadinho  
 Não tem a quem se queixar  
 Lauça as vistas para o burro  
 Porem não pode montar  
 Só se um dia apodrecido  
 Também podesse o pegar.

Bahia, Rio de Janeiro,  
 São Paulo e Minas Geraes,  
 Essem disem o burro é nosso  
 A ninguem pertence mais  
 Diz Porto Alegre isto è  
 Filho dos meus Arsenaes.

4034

— Typ. da POPULAR EDITORA —  
Rua da Republica 65. Parahyba

(LGB)